

Emprego do modo subjuntivo em português

Leodegário A. de Azevedo Filho, da ABEF, UERJ e UFRJ

1. Introdução

Procuraremos reproduzir aqui, na íntegra, o roteiro da aula que demos em concurso para o preenchimento de uma das cátedras de Português e Literatura do Instituto de Educação do Estado da Guanabara – Rio de Janeiro. Parte de nossa prova escrita já foi também publicada no pequeno volume *As unidades melódicas da frase*, e os argumentos empregados na defesa de tese os enfeixamos no livro *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*¹. Vamos tornando do conhecimento público, assim, as provas por nós realizadas.

2. Modo subjuntivo no indo-europeu e no latim literário -referência

Através do método histórico-comparativo, admite-se que o modo subjuntivo tinha, no indo-europeu, duas significações:

- 1.^a) Uma significação volitiva;
- 2.^a) Uma significação prospectiva.

Por seu turno, o optativo, distinto do subjuntivo, apresentava três significações:

- 1.^a) Significação de desejo;
- 2.^a) Significação de potencialidade;
- 3.^a) Significação de prescrição.

No latim literário, o subjuntivo, em orações independentes, absorveu as significações do optativo, passando então a exprimir: desejo, exortação, dúvida ou possibilidade. Ex.:

a) Subjuntivo volitivo-concessivo:

“Sit fur, sit sacrilegus: at est bonus imperator”. (Cícero. Verr. V, 4)

Tradução: Seja ladrão, seja sacrílego, mas é um bom imperador. Exprime, como se vê, uma idéia concessiva;

b) Subjuntivo deliberativo:

“Rogem te tu venias? Non rogem?” (Cícero. Fam. XIV, 4, 3). Tradução:

¹ Cf. Leodegário A. de Azevedo Filho. *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*. Rio de Janeiro, Gernasa, 1966. (Prêmio José Veríssimo da Academia Brasileira de Letras).

Devo pedir para que venhas? Não devo pedir? Como se percebe, no caso, exprime dúvida. Em outras construções, podia ainda exprimir: indignação ou impossibilidade na consecução de um fato;

c) Subjuntivo potencial:

“*Certum affirmare non ausim.*” (T. Lívio, III, 23). Tradução: Não ousaria afirmar como certo. No caso, exprime uma ação não real, mas possível ou de realização condicional.

Tudo isso nas orações independentes.

Nas orações dependentes, o subjuntivo exprime uma condição futura ou contrária a determinado fato, ou um resultado, uma intenção, para caracterizar o antecedente, o tempo. Muito empregado no discurso indireto. Ex.:

a) Subjuntivo em oração substantiva: “*Persuadet Castico ut regnum occuparet.*” (César, *B. G.*, I, 3). Objeto direto de *persuadet*: *ut regnum occuparet.* Tradução: Persuade a Cástico a ocupação do reino;

b) Subjuntivo em oração condicional: “*Si viveret, verba eis audiretis.*” (Cícero. *R. Com.* 42). Tradução: Se ele vivesse, ouviríeis as suas palavras;

c) Subjuntivo em oração final: “*Edere, oportet, ut vivas, non vivere, ut edas.*” (Cícero. *R. ad Her.* 28). Tradução: Convém comer para que vivas, não viver para comer;

d) Subjuntivo em oração consecutiva: “*Nunquam tam male est Siculis quin aliquid facete... dicant.*” (Cícero. *Verr.* IV. 95). Tradução: Os sicilianos nunca estão em situação tão má que não digam alguma coisa com gracejo;

e) Subjuntivo em oração temporal: “*Cum id nuntiatum esset, maturat.*” (César. *B. G.* I, 7). Tradução: Quando isto foi anunciado, ele se apressou.

Para um exame mais desenvolvido do assunto, pois nos limitamos a simples introdução ao estudo do modo subjuntivo em português, recomendamos a leitura de obras básicas, como: *Syntaxe latine*, de Ernout e Tromas, p. 195 ss., e *Traité de grammaire Comparée des langues classiques*, de Meillet e Vendryès, p. 314 ss., entre muitas outras fontes de consulta.

3. O modo subjuntivo em latim vulgar - referência

Como se sabe, o verbo latino apresentava a seguinte estrutura geral:

1.º) Tempos do *Infectum*:

a) No indicativo: o presente, o pretérito imperfeito e o futuro imperfeito. Desses tempos, somente permaneceram o presente e o pretérito imperfeito. O futuro imperfeito perdeu-se. Em compensação surgiu o futuro do presente, formado do infinitivo de um verbo mais as formas contractas do presente do indicativo de *habere*. Ex.: *amare + habeo*, etc.

b) No subjuntivo: o presente e o pretérito imperfeito. Desses tempos, permaneceu o presente. O pretérito imperfeito perdeu o seu valor, dando origem ao infinitivo pessoal em português, segundo o ponto de vista de vários romanistas.

c) No imperativo: o presente e o futuro. Desses tempos, permaneceu o presente, perdendo-se o futuro.

2.º) Tempos do *Perfectum*:

a) No indicativo: o pretérito perfeito, mais-que-perfeito e o futuro perfeito. Desses tempos, permaneceram o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito. O futuro perfeito fundiu-se ao pretérito perfeito do subjuntivo, daí resultando o futuro do subjuntivo. Para compensar a perda, criou-se no sistema lingüístico o futuro do pretérito, constituído do infinitivo de um verbo mais as formas contractas do imperfeito do indicativo de *habere*. Ex.: *amare + habebam*, etc..

b) No subjuntivo: o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito. O pretérito perfeito, como vimos, fundiu-se ao futuro perfeito do indicativo, daí resultando o futuro do subjuntivo. O pretérito mais-que-perfeito deu origem ao pretérito imperfeito.

As chamadas formas nominais são:

a) O infinitivo: presente, perfeito e futuro. Dessas formas permaneceu o presente, perdendo-se as duas outras.

b) O gerúndio, que apresentava os casos: acusativo, genitivo, dativo e ablativo. Desses casos somente o ablativo permaneceu, desaparecendo os restantes, na remodelação do sistema verbal em latim vulgar.

c) O Supino e os participípios: presente, passado e futuro. Permaneceram apenas os participípios: presente e passado.

Assim, temos os seguintes tempos do modo subjuntivo em latim vulgar: o presente, o imperfeito e o futuro do subjuntivo. As formas perifrásticas são criações românicas, como o pretérito mais-que-perfeito e o futuro composto do subjuntivo. Para desenvolvimento do assunto, pois nos limitados a simples referência, recomendamos a leitura das seguintes obras básicas: *História do latim vulgar*, de Serafim da Silva Neto; *Gramática do latim vulgar*, de Th. Henrique Maurer Jr.; *Introdução ao latim vulgar*, de Grandgent; e *Gramática histórica*, de Ismael de Lima Coutinho.

4. O modo subjuntivo em português

A remodelação do modo subjuntivo em latim vulgar certamente passou ao romance peninsular, daí penetrando em português, como se verá:

1.º) O subjuntivo em orações principais

Augusto Epifânio da Silva Dias, em sua conhecida *Sintaxe histórica portuguesa*, enumera os seguintes casos:

a) O subjuntivo emprega-se no lugar da 1.ª e da 3.ª pessoas do imperativo e nas proibições. Ex.: “Por Deus, que me ajudeis a salvar a minha pobre Hermengarda.” (Herc., Eur., 185).

b) Também têm sentido imperativo as orações do pretérito imperfeito, ou mais-que-perfeito do subjuntivo, coordenadas a uma oração condicional. Ex.: “Fosses e verias = Se tivesses ido, verias”.

c) No mais-que-perfeito, ou no pretérito imperfeito, o subjuntivo emprega-se para exprimir o que se deveria ter feito, em oposição ao que se fez. Ex.:

“Mas quem tão fora estava da verdade,
Já que o juízo humano tanto erra,
Para que do mais certo se informara,
Ao Campo Damasceno o perguntara”.

(Lus., III, 9)

d) O subjuntivo, por herança latina, também exprime desejo (subjuntivo optativo). Ex.: “E prouvesse a Deus que tivessem todos os príncipes taes pagens.” (H.P., 1, 42 v.).

e) Em português médio, o presente do subjuntivo também se empregava em formas de saudação, na 2.ª pessoa. Ex.: “Natonio, tenhas prazer, / Lhe disse, gran brado dando”. (Crisfal, 35).

f) O subjuntivo optativo pode ser usado em todas as pessoas. Ex.: “Eu não viva mais que uma hora, se isso não é verdade.” Outro exemplo: “Assim eu tenha saúde, como isto é verdade”. Etc.

g) Em orações introduzidas por *assim* (no português arcaico por *se*) exprimindo um voto a favor de alguém. Ex.: “Amigo, se bem ajades, / rogo-vos que mi digades”. (Stevam Reymondo, *Vat.*, 294).

h) A expressão do desejo reforça-se, em todas as pessoas, antepondo-se a interjeição *oxalá*. Ex.: “Oxalá nunca saibais!”

2.º) O modo subjuntivo em orações subordinadas:

a) Têm o verbo no subjuntivo as orações substantivas introduzidas pela integrante *que*, às vezes oculta. Ex.:

Ó quanto deve o Rei que bem governa
De olhar que os conselheiros ou privados
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!

(Lus., VIII, 54)

b) Exprimindo temor de que alguma coisa aconteça. Ex.: “Abrahão temeu que como mulher, e mãe, Sara não tivesse valor para consentir no sacrifício.” (Vieira, I, 603).

c) Exprimindo idéia de admiração, contentamento ou descontentamento. Ex.: “Admirou-se de que tão depressa pudesse ter achado a caça.” (Vieira, I, 534).

d) Exprimindo idéias correlatas de probabilidade, de ser raro, de ser possível, de ser importante, de ser necessário, etc. Ex.: “Que importa que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciência não está limpa?” (Vieira, I, 553).

e) Têm o verbo no subjuntivo as orações adverbiais seguintes, entre outras:

1.^a) *Condicionais*. Ex.: “Se não houvesse ingratidões, como haveria finezas”. (Vieira, I, 317).

2.^a) *Concessivas*. Ex.: “Não podiam ser açoitados, e podiam ter os filhos em seu poder, com tal que fossem havidos de mulher romana”. (Arráiz, 49).

3.^a) *Consecutivas*. Ex.: “Que segurança pode haver tão confiada, que entre os abraços mais lisonjeiros da felicidade não tema os seus revezes?” (Vieira, XI, 12).

4.^a) *Finais*. Ex.: “Não sei como diga, para que a entendam, a verdade que me abafa”. (Cast., *Q. Hist.*, 7, 25).

5.^a) *Causais*. Ex.: “E não porque fossem olhos de tal maneira cegos, que não vissem, mas porque vião trocadamente hũa cousa por outra”. (Vieira, I, 655).

f) *Adjectivas que exprimem simples concepção*. Ex.: “Nam vistes nunca nenhum verdadeiro humilde, que fosse cubiçoso”. (H. P., I, 59).

Mais exemplos poderão ser colhidos, tanto para o subjuntivo em orações independentes, como para o subjuntivo em orações subordinadas, na citada obra de Augusto Epifânio da Silva Dias, ou em Said Ali, no livro *Formação de palavras e sintaxe do português histórico*.

5. O modo subjuntivo em português contemporâneo

Em português contemporâneo, observando-se que os matizes naturalmente escapam a toda e qualquer sistematização, explicando-se apenas estilisticamente, o seguinte quadro sintético resumirá o assunto:

1.º) Subjuntivo-potencial (ações duvidosas, hipotéticas, concessivas ou correlatas a essas):

a) Em orações independentes. Ex.: Talvez esteja certo. Seja 3, na equação, o valor de x. Que ele volte, se assim o deseja. Etc.

b) Em orações subordinadas (substantivas). Ex.:

Com verbos de dúvida ou desconhecimento – Duvido que esteja certo. Ignoro quem esteja aí. Etc.

Com verbos de temor e emoção – Temeu que a pedra ferisse o menino. Sentiu que chegasse tarde. Etc.

Com verbos de possibilidade e probabilidade – Imaginou que viesse agora. Supôs que chegasse cedo. Etc.

2.º) Subjuntivo-optativo (ações desejadas ou ações de mando e indignação).

a) Em orações independentes. Ex.: Oxalá venha logo. Que não volto mais aqui! Que se arranje! Etc.

b) Em orações subordinadas (substantivas):

Com verbos de necessidade, desejo, vontade, sentimento e outros correlativos. Ex.: Necessito de que me ajude. Desejo que venhas. Quero que estudes. Lamentamos que tenha morrido. Etc.

c) Em orações subordinadas (adjetivas).

Farei o que você mande.

No caso, poderíamos escrever: *Farei o que você manda*. Assim, o emprego do subjuntivo exprime uma ação vaga ou conjectural. O emprego do indicativo, ao contrário, exprime certeza. Essa tendência do português contemporâneo em, cada vez mais, substituir as formas do subjuntivo pelas formas do indicativo, que é o modo da realidade, será examinada na conclusão.

d) Em orações subordinadas (adverbiais).

No caso, mais se acentua a tendência para transformar-se em simples servidão gramatical o modo subjuntivo, reduzindo-se esse modo a mero instrumento sintático ou padrão formal regulado pelo uso de certas conjunções. Ex.:

Temporal: Irei embora, antes que anoiteça.

Causal-negativa: Mandei-lhe flores, não porque desejasse o seu perdão, mas para homenageá-la.

Concessiva: Embora corresse, não pagaria a condução.

Consecutiva: Cumpra o seu dever de maneira que todos o elogiem.

Final: Desisti, para que ele não ficasse triste.

Comparativa: Procedeu como se fosse o dono.

Condicional: Se partisse agora, jamais voltaria.

6. Conclusão

Em geral, os autores que têm tratado do emprego do modo subjuntivo em Portugal apresentam farta documentação, mas sem interpretá-la. Na verdade, em nossa língua, como sucede com as demais línguas românicas em geral, o modo subjuntivo (melhor seria dizer: o modo conjuntivo) quase se reduz a simples servidão gramatical, sobretudo por interferência do modo indicativo. Além disso, o mecanismo puramente formal do modo subjuntivo fica claro, por exemplo, em orações independentes, quando se verifica que a simples posição do

advérbio *talvez* é o bastante para uma substituição de modo. Ex.: *Talvez seja verdade. É talvez verdade.* Em orações subordinadas em que o emprego do subjuntivo é obrigatório, o caráter modal de dúvida, desejo ou hipótese decorre do próprio valor da oração subordinada. Ex.: *Suponho que seja verdade.* No caso, pode-se empregar a variante livre: *Suponho que é verdade.* Tudo isso nos indica que o emprego do modo subjuntivo apresenta nítida tendência para transformar-se em simples servidão gramatical ou simples padrão formal destituído de valores semânticos específicos. Daí a riqueza de aspectos estilísticos decorrente do uso do indicativo no lugar do subjuntivo, conforme nos indicam os seguintes exemplos, alguns clássicos:

a) “É provável que os peixes *ajudam* à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação?” (Vieira).

b) “Depois do jantar, como *suceda* que procuraremos um barco na praça Gil Vicente...” (Teixeira Gomes).

c) “Mas, porque em todas essas igrejas os mesmos variados estilos se *encontram* representados”. (Teixeira Gomes).

d) Talvez, a espaços, me *aparecia* uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas”. (Machado de Assis).

Comparem-se, por fim, as seguintes construções:

1. Porque estivesse calado, nada lhe disse.
2. Porque esteve calado, nada lhe disse.
3. Estando calado, nada lhe disse.
4. Esteve calado, e nada lhe disse.

Não há dúvida de que, em nossa língua, o subjuntivo apresenta nítida tendência para transformar-se em servidão gramatical destituída de valor semântico específico. No caso, importa mais o padrão formal, regulado pelo emprego de certas conjunções, do que o uso do modo propriamente dito, entendendo-se por *modo* uma atitude psicológica do falante (certeza ou conjectura) em relação ao processo verbal.

Colônia, 19 de junho de 1968.